



NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

Editorial

O nosso Hospital é a menina dos olhos dos fangueiros. É possível que nesta aparente exclusividade subjaza um certo exagero, pois os fangueiros amam com intensidade todas as suas instituições, mas é facto que, quer o Hospital quer os Bombeiros, aparecem na primeira fila das associações mais consideradas, devido ao seu cunho prioritariamente assistencial.

Depois da fixação naquele estabelecimento da equipa dirigida pelo dr. Queirós de Faria, o Hospital deu um salto espectacular que hoje se traduz por um grande movimento e até pelo extenso quadro clínico a trabalhar nas diversas áreas que reproduzimos noutra página.

Apesar de agir como hospital particular, os médicos de clínica geral, ou antes, as consultas de clínica geral eram até há pouco, absolutamente gratuitas. Agora cobra-se uma pequena taxa. Talvez por isso, ou seja, por dar graciosamente uma assistência em clínica geral, o Estado celebrou várias convenções com o Hospital de Fão, o que lhe permitia exercer clínica oficial com as respectivas prebendas.

Mas isso ocorreu sobretudo no tempo da dr.ª Leonor Beleza. O mesmo não se pode dizer do titular que neste momento sobraça a pasta da Saúde pois que, ainda há pouco tempo, mandou cancelar a valência maternidade. Quem quiser ter meninos, com subvenção estadual, vai a Barcelos que nesta vertente andava às moscas, ofuscado que estava pela Maternidade de Fão. Não se pode dizer que esta casa não reunia todas as condições necessárias para o bom êxito nos nascimentos. O clínico responsável por esta valência é chefe de serviços num hospital do Porto e avaliza a maternidade do hospital fangueiro. Por outro lado, quando surgiam ou quando surgem casos complicados que ultrapassavam, não a reconhecida competência

dos médicos «locais», mas sim o apoio logístico que o Hospital de Fão tem ao dispôr, era o doente, neste caso a parturiente, encaminhada para Barcelos que em regra a remetia para o Porto, uma vez que a capacidade do Hospital de Barcelos não excedia o apetrechamento do Hospital de Fão.

O HOSPITAL DE FÃO

Como será o futuro, agora que vai surgir o hospital de Esposende renovado e com contratos celebrados em quase todas as valências? Note-se que o Hospital de Esposende aparece oficialmente como unidade de internamento do centro de Saúde da vila concelhia e asseveram-nos que vão ser disponibilizadas para esse mesmo Centro 20 a 25 camas. No restante, funcionará como hospital particular administrado pela Santa Casa da Misericórdia de Esposende com quem o Estado celebrará ou já celebrou várias (muitas) convenções.

É de boa ética que o Estado respeite o passado e o presente do Hospital de Fão que foi e ainda é a mais importante unidade de Saúde do concelho e que ainda há bem pouco tempo, desde o dia 1 de Novembro, passou a ter o serviço de urgência a funcionar durante as 24 horas do dia, com a presença física de um médico no período nocturno e ainda nos fins de semana. Já falamos, por outro lado, na cobertura clínica fornecida pelo hospital de Fão aos doentes que o demandavam e demandam.

Espera-se que não haja sombras de vingança por o Hospital de Fão não se deixar nacionalizar pois, afinal, a desnacionalização é o que está a acontecer em várias casas similares, o que prova que o nosso Hospital esteve sempre no melhor caminho.

QUE FUTURO PARA O TURISMO CONCELHIO?

Manuel Marques, Director do Hotel Ofir, faz uma análise ao turismo local.

Apresenta números, emite teorias, formula sugestões. Ouçámo-lo:

O Novo Fangueiro — *Uma vez que se verificou este ano uma certa baixa turística a nível do país, e não só, essa baixa teve significado relevante aqui na zona?*

Manuel Marques — A baixa turística verificou-se fundamentalmente na fase sazonal, nas chamadas épocas médias, ou seja nos meses de Junho, Julho e Setembro, porque, quer o Agosto, quer os restantes períodos, foram considerados normais. No hotel que dirijo não senti grandes alterações mas é facto, é sabido, que há uma situação de crise nos principais mercados emissores de turismo para a Costa Verde, nomeadamente no mercado de Inglaterra que, como se sabe, vive um período de recessão, talvez o maior da sua his-



Manuel Marques

tória. O mercado holandês também falhou, não tanto pela recessão mas pelas ofertas que surgiram de outros destinos e que são concorrentes nossos, como a Turquia e a Grécia que representavam uma escolha diferente. Isso não aconteceu o ano passado por causa da Guerra do Golfo, mas sim, este ano. Para recuperar mercados perdidos, baixaram os preços para um limiar que se tornou incomportável para nós. Aqui o preço funcionou e foi determinante.

A juntar a tudo isso, surgiram os problemas com o mercado da Alemanha, com uma taxa de inflação fora do normal e que provocou também um afluxo mais reduzido. O mercado que acabou por corresponder foi o nacional que reagiu muito bem e a que há-de ter em conta, quer a nível de grupos quer a nível individual. Foi secundado pelo mercado espanhol se bem que este é de estadias curtas. Tem uma média de férias de três ou quatro dias.

Todos estes factores conjugados determi-

(Continua na pág. 8)

A LEPRA TEM CURA



AJUDE-NOS A SALVAR UMA CRIANÇA!

DOMINGO, 20 DE JANEIRO DE 1993
36.º DIA MUNDIAL
DOS DOENTES

A LEPRA
CLAREIA O DIA
A TUA AJUDA

BASTAM 5 000\$00 DE MEDICAMENTOS PARA CLAREAR
E TRABALHAR UM LETRADO COLABORADOR CONNOSCO!

QUE FUTURO PARA O TURISMO CONCELHIO?

(Continuado da pág. 8)

hoje aparecem cá só vêm para dormir e admirar a paisagem. E esse é outro aspecto que nós temos de encarar que é unir a quietude do meio, o bem estar que a zona proporciona que é um valor muito importante — nós ainda podemos preservar este caminho — mas podemos associar este aspecto à tal animação de que falamos atrás e que vêm complementar os tais momentos de relaxe. Tudo isto só se pode conseguir com uma consertação e uma vontade grande de fazer alguma coisa, acreditando. Não se deve cair no miserabilismo, insistindo em que não vale a pena. O mercado está mudado, os clientes são outros e quando procuram o hotel procuram mais qualquer coisa e nós todos juntos podemos coordenar, criar um produto integrado capaz de os satisfazer.

N.F. — *E quanto a serviços especiais?*

SERVIÇOS ESPECIAIS

M.M. — É um serviço muito importante e gratificante a realização de serviços especiais no hotel, e quando eu falo em serviços especiais refiro-me a casamentos e a outras reuniões do género. É um mercado difícil onde a concorrência é muito grande. Quem quer fazer um casamento com certo cuidado, com a garantia de um bom serviço, com uma boa confecção, com um ambiente acolhedor, agradável, com boa decoração, tem-nos sabido procurar. Nós, para além de querermos rentabilizar o trabalho efectuado, gostámos de fazer coisas bonitas e temo-lo conseguido. Talvez por isso, de há uns tempos para cá, e sobretudo no último ano, temos sido bastante solicitados. Ainda há bem pouco tempo servimos dois casamentos em simultâneo.

SERÃO PRECISOS MAIS HOTEIS?

N.F. — *Parece-lhe que a zona de Ofir aguentará mais hotéis?*

M.M. — As unidades hoteleiras existentes em Ofir, se estivessem em perfeitas condições de funcionamento, se estivessem a operar a 100% seriam suficientes; não era preciso nem desejável mais nenhuma com as características das que cá existem. A Estalagem do Rio só trabalha no verão, o Hotel do Pinhal está parcialmente utilizado e abre só quando é preciso. Se se renovassem, iríamos recuperar uma situação que já o foi antigamente. Uma nova unidade hoteleira em Ofir teria lugar dentro de um complemento de oferta que seria o self-catering, o aparthotel, mas não um hotel propriamente dito.

N.F. — *Quais, afinal, as perspectivas para o turismo do concelho?*

M.M. — Começam a criar-se na região condições para desenvolverem outro tipo de trabalho, muito mais gratificante e que possa transformar a zona de Ofir e o concelho de Esposende num concelho de grande potencial turístico, uma zona de turismo por excelência. Não conheço em pormenor os projectos que estão na forja, a marina e aquele que inclui golf na Barca do Lago, mas a acontecerem rapidamente, com as estruturas que começam a aparecer, nomeadamente como o posto náutico em Fão para desenvolvimento de animação do rio, a Casa da Cultura devidamente explorada na componente de informação de turismo cultural, as piscinas que estão projectadas, se tudo isso for conjugado com o esforço colectivo e se promovermos o produto turístico integrado em que o esforço de promoção seja o esforço das várias pessoas ligadas ao turismo, nessa altura sim, um maior número de clientes vamos ter e um maior número de pessoas virão aqui fixar-se. Nesse, caso beneficiam os restaurantes, beneficiam as casas de cultura, beneficiam as várias entidades de animação, beneficiam os hotéis, beneficia o turismo da região e o turismo de Esposende terá um futuro animador. Trata-se de uma zona bonita que ainda não sofre megalomanias dos grandes centros e, se forem criadas todas as ofertas que estão no horizonte, pode ter um futuro no contexto do turismo nacional.

N.F. — *Portanto as condições climáticas não têm influência?*

M.M. — As condições climáticas pesam mas não são condicionantes dos grandes movimentos. Temos é que nos estruturar, preparar e dar resposta aos vários mercados potenciais, contando, claro está, com o clima que é ameno.

N.F. — *Não tem tido queixas?*

M.M. — Não. Tudo depende da forma como se promove. Não devemos é promover por excelência o sol, embora este seja o principal motivo gerador de clientes. O norte não pode ser promovido como um destino de sol epraia. Torna-se necessário referir outras alternativas. E isso é o que se está a fazer actualmente.

N.F. — *Portanto, boas perspectivas...*

M.M. — Dependende.

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

CARTA A UM MENINO LEPROSO

Vi o teu retrato na página central de uma publicação. Vi o teu rosto escalavrado, as tuas mãos de dedos incompletos e os teus olhos, grandes, tristes e baços, fixos numa interrogação patética. Era como se perguntassem o porquê das mutilações causadas pela doença, o porquê de um sofrimento imerecido, o porquê da iminência de se apagar a débil chama de vida que anime ainda o teu corpinho mártir.

Pouco depois — estranha coincidência — veio parar-me às mãos um exemplar das SELECÇÕES DO READER'S DIGEST onde pude ler que, com apenas 5.000\$00, se compra a dose de medicamento suficiente para curar um leproso!

Isto é: cinco contos, que tantas vezes se despendem em futilidades, poderiam comprar o teu direito à vida e o de tantos outros seres humanos que se encontram nas mesmas circunstâncias que tu, e cujo destino está, afinal, nas nossas mãos! Que terrível responsabilidade...

Nós a gastarmos, inconscientemente, e tu a esperares ainda o nosso gesto salvador!

Olha, menino, sabes o que te aconselho? Que, nesta quadra em que tudo se prepara para festejar o nascimento de um outro Menino — esse de Natureza divina — lbe peças, como fazem outras tantas crianças, que ponha uma prenda no teu sapatinho. E sabes o que vais pedir? Que o Menino de Nazaré toque no coração de todos aqueles que podem, para que cada qual envie os seus cinco mil escudos para a APARF, Praça do Príncipe Real, 6 r/c — 1200 LISBOA, e que cada um se desobrigue, assim, do dever de solidariedade para com quem sofre, e cuja sorte depende da sua ajuda.

E todas as pessoas que estenderam a mão, podem ter a certeza de que, na Noite santa, quando se sentarem à mesa para a ceta de Natal, hão-de sentir

uma imensa alegria, profunda e íntima, a aquecer-lhes o coração — a alegria de terem salvo uma vida.

E para ti, Menino leproso, os meus veementes e confiantes votos de que este Natal seja para ti o teu primeiro NATAL DE ESPERANÇA.

PAGARAM A ASSINATURA

1992 — Carlos Domingues da Venda Mariz, Braga, 750\$00; Manuel Faria Graça, França, 1500\$00; Orlando Ferreira Graça, França, 1000\$00; Manuel Arantes Gomes, França, 1500\$00; Dr. Alberto Malafaia Baptista, 750\$00; 1992 — António Morais Casanova, Amadora, 800\$00; Júlio Maciel de Oliveira, França, 1000\$00; José Morim de Faria, França, 1000\$00; Carlos António de Jesus Carlos, França, 1000\$00; D. M.ª Eugénia de Jesus Carlos, Fão, 750\$00; José Pedro Lima de Sá, Fão, 750\$00; Adolfo José Ferreira Ribeiro, Amadora, 1000\$00; José Francisco de Magalhães, França, 1000\$00; D. Judite Ribeiro da Mota Reis, Fão, 750\$00; Joaquim Magalhães, França, 1000\$00; Delfim Ferreira, França, 1000\$00; Hermenegildo Morais Gomes, Gaia, 1000\$00; Francisco Ventura Barros Peixoto, Canadá, 5000\$00; José Manuel Gato Ferreira da Silva, Matosinhos, 750\$00; Mário Ramiro Mariz Dias Ferreira, Maia, 5000\$00; Manuel Gomes da Costa, Porto, 1000\$00; Amândio da Costa Caramalho, Brasil, 1000\$00; Carlos Amândio Carvalho Dias, Brasil, 1000\$00; Jaime da Cruz Vilela, Lisboa, 1000\$00.

FALECIMENTO

No início deste mês faleceu o nosso conterrâneo João Teixeira, mais conhecido pelo João Carteiro.

Desde há muito inutilizado por uma trombose, o João nunca mais recuperou e movia-se com muita dificuldade. Emocionava-se facilmente quando as pessoas o interpelavam. Faleceu com 73 anos.

Que descanse em paz.

À família enlutada os nossos pêsames.

TESOURADAS

Por QUIM DE FÃO

• Valha-nos Santa Engrácia!

Ou os empreiteiros são de meia tigela ou há crise de calceteiros, mesmo daqueles feitos e cursados na Escola dos fundos e do Fundo Social Europeu...

A nossa vila — o coração e as artérias — está escavacada. Não há cavaco ou cavaca que lhes valha... às artérias. De há uns meses — largos — para cá é um tal de abrir buracos sem os fechar que tornaram Fão intransitável. Ainda há, pelo vulgo, má-línguas que dizem à boca fechada que esta junta assim, que esta Câmara assado. O investimento nunca foi tão grande... mas não se vê. Só fazem covas... só metem e tiram canos... só cano.

Lá para as calendas ou eleições autárquicas teremos a inauguração de Fão renovado. Nesa altura os «convites» não faltarão.

• Não me admira este estado lamacento de Fão: Com lama e buracos... porque a entrada da ponte, lado norte e sul, está igual ou pior. Não há quem lhe acuda de uma vez por todas. O cancro é incurável e alastra. Já tem ramificação num espaço de cinquenta metros.

• As obras, na via pública, são muitas. A piscina da Matriz tem os seus dias contados. Uns erraram... outros (estes) emendaram. Tínhamos razão... O Largo do Mercado — Praça — ao sábado é um pandemónio: Obras, na casa Reis; carrinhos e automóveis mal estacionados transformam a zona num labirinto, numa pequena feira. É tempo de se pensar em transferir o local de venda para outro sítio mais arejado.

• Consta-se e antes que seja tarde... que na Pousada da Juventude se vão criar alguns e bons postos de trabalho. Emprego parece que não há, mas trabalho vai haver para toda a «gente» que não será de Fão...

Vamos, senhores autarcas, zelar pelos da «Casa» e só depois os de fora. Aqui há uma dúzia de anos, tínhamos no Hotel de Ofir não só uma Escola de aprendizagem hoteleira como o ganha-pão de muitas famílias. Depois veio uma nova época ideológica; deu-se um «chuto» no director Rui Gomes, já falecido, e a quem nunca soubemos ser gratos; novas direcções e gerências até que a Sopete «corre e limpa» com muitos dos naturais — fangueiros — foi pena! O Ofir deixou de alimentar com trabalho os jovens fangueiros e nova era empregadora se abriu. Algumas fábricas têm dado trabalho aos nossos jovens, mas é a Misericórdia com o hospital, lar e infantário quem dá mais emprego e trabalho aos fangueiros. Ainda bem que, não havendo perspectivas na hotelaria, temos esta instituição que é o orgulho dos fangueiros, embora sujeita às tesouradas... como é natural.

• Mas eu, Quim de Fão, sem pretender meter cunhas nem alcançar o poleiro — apenas quero a reforma e uma cana para pescar — sem pretender que me convidem para a inauguração disto ou daquilo apesar de ser o responsável pela correspondência de um jornal diário, alerta, como noutras ocasiões tenho feito, para a necessidade de salvaguardar o maior número possível de «vagas» na Pousada, para fangueiros, mesmo que tenham de se «inscrever» em mais um curso do Fundo Social Europeu. Afinal, mais um, menos

um, os nossos jovens são militantes habituais desses cursos de «engorda» como «patos» de aviário. Engorda muita gente, pois ficam «instruídos» com Ecus e sabedoria que basta para emprego público.

• Vi e ouvi em noticiário televisivo que a nossa costa está ameaçada com o avanço acelerado do mar. Dentro de cinquenta anos, se nada se fizer, toda a zona dunar; pinhal; casas, hotéis e até algumas povoações desaparecerão. Como temos a intervenção do departamento da Zona de Paisagem Protegida poderá ser que nos acudam antes que seja tarde. Não me parece... e isto porque as areias, na restinga, invadem já, o pinhal. Este, cada dia que passa, morre... seca e tomba. O mar continua a cavar a duna e avança sobre o rio junto á foz, numa extensão bastante grande. As casas de veraneio, a norte, voltam a estar ameaçados pela força das vagas. O esporão de protecção e paralelo á duna tem os dias contados. A sul de Ofir, na Bonança, o mar continua a «comer» a duna sem remissão... Que outra área nos proteja,... talvez a dos esporões pois aquilo que foi do mar há séculos, poderá voltar a sê-lo se os nossos governantes não nos acautelarem. Fão está condenado a desaparecer como aconteceu no séc. XV? De invasão de areias, teremos agora invasão de água? Não se esqueça! Compre ou ocupe uma parcela de terreno no São Lourenço — único sítio onde o mar não chegará...

• Parece que o Turismo, para já, foi chão que deu, mas... Neste Momento, temos em promoção e oferta, na nossa vila, quatro espaços para restauração. Quatro salões, em primeira mão, como se costuma dizer, a estreitar e bem localizados e que ninguém lhes pega. Isto significa que os hoteleiros, pasteleiros ou tasqueiros temem a falta de clientes e não querem entrar numa de falência ou penhora como vai sendo «moda» na nossa sociedade. Ainda bem que cá não acontece nada disso. São quatro espaços em óptima localização, bem arejados e com uma panorâmica excepcional; com um estacionamento invulgar e o «escrito» de «arrenda-se», «dá-se à exploração» continua colado nos vidros embaçados destes espaços...

• Mudei o título às minhas «Farpas»; «Cantigas de Maldizer» ou «Feira de Retalhos». São «Tesouradas». Guardo desde criança, na memória das coisas boas e mesmo boas, uma quadra com que o testamento do Judas daquela época — talvez de há quarenta e tantos anos — agraciou o meu pai. Dizia assim o Judas daquele ano:
«Deixo ao António Peixoto
Vizinho da Júlia Moura
Para «cortar» os sujeitos
A minha velha Tesoura»

Cá fica a razão de «Tesouradas». Não me recorde do autor do testamento mas era político e apimentado...

• O António Viana, o António Carteiro, foi embora. Arrumou a pasta, entregou a farda e a última carta.

Merece a gratidão de todos os fangueiros porque cumpriu o dever como profissional e nunca a carta foi parar «ao padrinho» como no tempo do Tio Serafim. Boas e más notícias era o António o seu portador. Para

todos, tinha uma palavra ou saudação. Gastou-as todas como um profissional. Ele não foi o primeiro nem será o último a ser agraciado com o «morreu o bicho, acabou a peçonha». Fão é ingrato. Mesmo sendo-se profissional, pago para fazer isto ou aquilo, há tarefas e profissões que mereciam outra observação e carinho. Mas Fão está a tornar-se frio e agressivo. Já ninguém tem coração ou uns minutos para se sentar à mesa e dizer ao António Viana que «Carteiros» há muitos mas como ele só houve ele e mais nenhum.

Do Quim de Fão, que sabe distinguir o trigo do joio, para o António, profissional dos CTT, um abraço de umas férias prolongadas e bem vividas ao serviço de outras tarefas onde será sempre útil a sua intervenção: futebol, festas, confrarias e tudo o mais para que Fão o escolha... sem esperar outra recompensa que não seja a do dever cumprido.

• Como estamos numa quadra festiva, onde a alegria domina os mais jovens e a saudade os mais idosos; onde deve prevalecer o perdão, a paz e a solidariedade; onde o cântico da glória conquista os nossos corações, deixo em poucas palavras os meus votos de um Natal Feliz a todos quantos procuram no Quim de Fão ralz fangueira que nos une e não nos deixa esquecer este pedaço de terra que nos viu nascer, que nos criou e continua a ver envelhecer... sobretudo os emigrantes que me lêem e encorajam as minhas «Tesouradas».

AGRADECIMENTO

A família de Manuel Ramos Ferreira, recentemente falecido, vem por este meio testemunhar o seu reconhecimento aos clínicos, pessoal enfermeiro e auxiliar pelo desvelo com que tratou o saudoso extinto.

Não pretende destacar nomes pois todos quantos trataram o seu familiar foram de um carinho, dedicação e assistência exemplares.

DOENTES

Esteve um bocado atrapalhado e meteu até internamento hospitalar o nosso amigo e grande amigo de «O Novo Fangueiro», Fernando Almeida, que os nossos leitores já conhecem através do jornal.

Afinal a doença foi rapidamente debelada e este prezado portuense já retomou em pleno as suas actividades. Já nos enviou o postal referente à saída do Ano Velho e à entrada do Novo, como o vem fazendo todos os anos, por esta altura.

— Tem passado um tanto incomodado o nosso conterrâneo e assinante desde a primeira hora eng. Cândido Mendanha Gonçalves.

Desejamos um pleno restabelecimento e fazemos votos para que na época veraneja o possamos ver de novo entre nós, mesmo que seja amarrado ao seu bengalão.

— Também o nosso amigo Quenor Ribeiro estadiou mais uma vez na Clipóvoa desta feita apenas por dois dias. Ai esse coração...

— Na Clipóvoa foi sujeito a uma pequena operação o nosso conterrâneo Armando Solinho.

A intervenção do foro osteológico correu bem e o nosso conterrâneo já se encontra em franca recuperação.

Desejamos um completo restabelecimento.

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

Últimos resultados:

Fão, 1 - Telhado, 1 e Arnoso, 2 - Fão, 0.

O perigo ainda não ronda a costa, mas vamos começar a acautelar-nos e nunca é demais repetir que é nestas alturas que a rapaziada mais precisa de apoio. Também é verdade que precisa de mais qualquer coisa, por exemplo, aprender a aproveitar, o mais possível, as ocasiões de golo que aparecem como aconteceu no jogo realizado em Fão, no domingo de manhã, com pouca assistência, talvez devido ao frio que fazia, numa partida em que os entusiastas fangueiros acreditavam que ia surgir a primeira vitória em casa. Mas não: os nossos avançados foram tão falhentos ou azarentos que ainda agora estamos por perceber como é que o nosso adversário (com o devido respeito) levou daqui um ponto.

No jogo realizado em Arnoso, como não assistimos, vamos dizer o que ouvimos de quem lá esteve. O C. F. de Fão não jogou mal. Já a perder por 1 - 0, beneficiou de uma grande penalidade que não soube aproveitar e, por isso, não conseguiu dar a volta ao texto que se impunha. A equipa esteve um tanto nervosa, principalmente a defesa, devido à inexperience do nosso guarda-redes. Foi o primeiro jogo que fez, em substituição do poveiro Carlos que, ao fim de duas épocas e meia, deixou o Fão, em virtude de ter emigrado para a Alemanha. Boa sorte, Carlos.

CANOAGEM

I CONTROLO NACIONAL EM MELRES (RIO DOURO)

Nesta competição que é composta por provas físicas em terra e naturalmente na água, a primeira pontuável para a próxima época, o Clube Náutico de Fão esteve presente com os atletas Belmiro Penetra na categoria de Seniores que obteve o 12.º lugar na classificação geral, e na categoria de Juniores Miguel Pedras que conseguiu o 10.º lugar. Não foi famosa a actuação do grupo fangueiro, se levarmos em conta todo o prestígio já alcançado principalmente através do campeão Belmiro Penetra e não só: o Náutico de Fão tem muitos campeões nacionais em várias categorias.

Bem, vamos esperar com fé que a época 93 nos traga melhores resultados.

Esta prova foi ganha pelo canoista do Recreio de Águeda, António Brinco.

NOTARIADO PORTUGUÊS CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE

CERTIFICADO

Certifico, narrativamente para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para «Escrituras Diversas» número 57-B, de folhas trinta e nove verso e seguintes, se encontra uma escritura de Justificação Notarial, com data de hoje, na qual MARIA CIDÁLIA DE CARVALHO GONÇALVES DO VALE, natural da freguesia de Gemeses, deste concelho e nela residente no lugar do Souto, que outorga por si e na qualidade de procuradora de seu marido MANUEL LOPES DO VALE com quem é casada no regime da comunhão geral, natural da indicada freguesia de Gemeses, e consigo residente DECLAROU:

Que, ela e o seu representado são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, do seguinte prédio:

Prédio urbano composto de terreno destinado a construção urbana, sito em Souto, freguesia de Gemeses, concelho de Esposende, com a área de mil seiscientos e oitenta metros quadrados, a confrontar do norte Irene Lima de Sá, do sul António Luís da Silva, do nascente caminho e António Luís da Silva e do poente com Irene Lima de Sá, não descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho e inscrito na matriz respectiva em nome da justificante mulher sob o artigo 437, com o valor patrimonial de um milhão quatrocentos e sessenta e um mil e seiscientos escudos e o atribuído de UM MILHÃO E QUINHENTOS MIL ESCUDOS.

Que, sempre estiveram e se têm mantido na posse e fruição do mesmo prédio há mais de vinte anos, cultivando-o, colhendo os frutos administrando-o com ânimo de quem exercita direito próprio, fazendo-o de boa fé, por ignorarem lesar direito alheio, pacificamente porque sem violência, continua e publicamente, com conhecimento de toda a gente, sem interrupção ou oposição de quem quer que seja.

Que, dadas as enunciadas características de tal posse, adquiriram o identificado prédio por usucapião, não dispondo todavia, dado o modo de aquisição, de documento ou título formal que lhes facilite a prova do seu direito, base do registo que pretendem fazer a seu favor.

E, para suprir a falta de título, prestam estas declarações, para efeitos de primeira inscrição no Registo Predial.

Vai conforme ao original.

Cartório Notarial de Esposende, aos quatro de Dezembro de mil novecentos e noventa e dois.

A 2.ª Ajudante,

a) *Maria da Saúde Ferreira
Velasco de Sousa*

NATUREZA

*Vão comendo meus olhos a paisagem,
Pois tenho fome desta Natureza:
Uma aurora vestida de noivado,
E a natural beleza
De tudo o que acordou.*

*A brisa perfumada transformou
Recados das montanhas e do mar...
Meninas aromáticas do prado,
Acenam-me em surdina,
Num gesto angelical;
E eu subo com a alma cristalina,
Nimbada de luar,
Ao reino da paisagem sideral.*

Dinis de Vilarelbo

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA



PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Ainda há pouco eram férias grandes e já estamos a chegar ao Natal! Oxalá que haja saúde, bons resultados escolares, e alegria para todos. E que o novo ano vos traga as maiores venturas. São esses os nossos votos amigos.

REFLEXÕES

Por MARTA — (16 anos)

Um estado de tristeza, desolação e abandono invade-me. De mansinho, lentamente, e redobrando de intensidade.

E sinto o sofrimento causado pelo amor que tenho aos entes queridos. O medo de os perder, de ser injusta para com eles, de os fazer derramar lágrimas de dor.

E a necessidade de expandir os meus sentidos.

De súbito, algo mais alegre me faz ver o mundo com outros olhos: mais belo, harmonioso, pacífico e calmo.

O que ouço é tão belo que nem consigo descrever. É música para a alma. Assim como o riso das crianças, a conversa dos idosos, o murmúrio do vento e das águas.

É uma beleza insustentável para o meu pobre e pequeno coração humano.

Apenas consigo dizer que a perfectibilidade do imaginário ou do possível real me invade completamente, e me faz mergulhar num sonho profundo e só meu.

Vislumbro a esperança que renasce no coração dos homens. De repente, sinto vontade de explodir em lágrimas, e parece que carrego todos os erros dos homens na minha consciência, ocultando-os.

Melancolia, nostalgia, não se infiltram tão profundamente na minha mente animal!

Admiri-vos demasiado para admitir que se possam associar a esta espécie, incrédula e trémula, que erra por ignorância, e dá os primeiros passos na imensidão do inatingível — a verdade.

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 



Desenho de ISABEL M.

MIRAGEM

Porque dizes que sou uma miragem,
Que em árido deserto vislumbreste,
Ou fugidio sopro de uma aragem
Que se esvaú e que jamais achaste?

Sou para ti apenas uma imagem
De sombra e luz um irreal contraste,
Ou símbolo de efémera viagem
Para o mundo em que te refugiaste?

Não deves ver em mim uma quimera
Ou sonho que em vão sempre se espera
Mas que nunca se pode alcançar.

Vê-me como sou: um homem qualquer,
Que simplesmente o teu afecto quer
Para em troca amor e carinho te ofertar.

TITO.

OBSERVAÇÃO

*Um vento frio soprava,
forte e belo.*

Um céu enevoado e triste.

*Sublime ventura de,
estar viva,*

*dor profunda por tudo
o que sentiste.*

*O mar, nas rochas,
Bate duro e fero,*

*As ondas são vulcões,
lava escaldante.*

*A Natureza irrompe,
Átiva e arrogante.*

SU

PAUSA PARA SORRIR

Um homem esfarrapado, sentado na soleira de uma porta, pede esmola. Passa um senhor bem vestido e o homem diz-lhe:

— «Meu senhor, dê-me uma esmolinha, que eu sou um pobre cego, com muita família!»

— «Coitado! E quantos filhos tem?» — pergunta, com pena, o cavalheiro. Responde o cego, prontamente:

— «Ai isso não sei, meu bom senhor, porque não vejo para os contar...»

★

Dois amigos discutem acerca da reencarnação das almas. Um deles, muito convicto, pergunta ao outro:

— «Vê lá, não tens ideia de já ter sido outra coisa, outro ser?»

Responde o outro, prontamente:

— «Lá isso tenho, sim senhor!» — «Vês como tenho razão? E o que foste?» — pergunta o primeira todo contente.

— «Fui um burro» — responde o segundo.

— «Um burro?» — estranha o primeiro.

— «Sim, um burro, porque te emprestei já há mais de um ano vinte contos, que ainda não me pagaste».

«F. MENDANHA, LDA.»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE — N.º DE MATRÍCULA 00511 — N.º DE IDENTIFICAÇÃO DE PESSOA COLECTIVA 502 865 466 — N.º DE INSCRIÇÃO N.º 1 — N.º E DATA DA APRESENTAÇÃO 07 - 92/10/21

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICA, que entre JOSÉ FERNANDO MENDANHA E SILVA, divorciado, residente na Avenida Visconde S. Januário, Fão, Esposende e LUIS FILIPE GOMES PEREIRA, casado com Maria Teresa Carvalho Araújo, na comunhão da adquiridos, residente na Urbanização Quinta do Aparício, Bloco A, n.º 380, 3.º esquerdo, Barcelos, que foi constituída a sociedade em epígrafe que se rege pelo seguinte contrato:

ARTIGO 1.º

A sociedade adopta a firma «F. MENDANHA, LD.ª» tem a sua sede na Avenida Visconde S. Januário, número dez, na freguesia de Fão, concelho de Esposende;

§ ÚNICO: Por simples deliberação da gerência a sede social poderá ser transferida para qualquer outro local dentro do mesmo concelho ou para concelho limítrofe, assim como podem ser criadas filiais e outras formas de representação.

ARTIGO 2.º

A sociedade tem por objecto o aluguer de automóveis com e sem condutor, a reparação e venda de automóveis e actividades turísticas.

ARTIGO 3.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, dividido em duas quotas sendo uma de TREZENTOS E OITENTA MIL ESCUDOS pertencente ao sócio JOSÉ FERNANDO MENDANHA E SILVA e outra de VINTE MIL ESCUDOS pertencente ao sócio LUIS FILIPE GOMES PEREIRA.

ARTIGO 4.º

As divisões e cessões de quotas a não sócios carece do consentimento da sociedade, ficando os sócios não cedentes com o direito de preferência.

ARTIGO 5.º

A gerência da sociedade, dispensada de caução e remunerada ou não conforme for deliberado em Assembleia Geral, fica afecta ao sócio JOSÉ FERNANDO MENDANHA E SILVA, que desde já fica nomeado gerente.

§ PRIMEIRO: Para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos e a representar em juízo e fora dele activa e passivamente e ainda para os actos de mero expediente, basta a assinatura do sócio gerente:

§ SEGUNDO: Nos poderes de gerência estão incluídos os de comprar, vender e permutar veículos automóveis, tomar de trespasse

e arrendamento quaisquer estabelecimentos comerciais, bem como para comprar e vender quaisquer bens imóveis, de e para a sociedade.

ARTIGO 6.º

A sociedade poderá amortizar qualquer quota no caso de ela ser penhorada, arrestada ou objecto de qualquer outro procedimento judicial ou fiscal.

ARTIGO 7.º

Os lucros líquidos disponíveis apurados em cada balança serão ou não distribuídos conforme for deliberado em Assembleia Geral.

ARTIGO 8.º

No caso de dissolução da sociedade, todos os sócios serão liquidatários.

ARTIGO 9.º

No caso de falecimento de um dos sócios, os herdeiros terão que nomear de entre eles, um, afim de os representar perante a sociedade, tal nomeação deve ter o parecer favorável do herdeiro com maior quota na herança.

ARTIGO 10.º

É escolhido o foro da comarca de Esposende, renunciando-se a qualquer outro, para todas as questões que surjam entre os sócios e estes e a sociedade.

Está conforme o original
CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE aos, 26 de Novembro de 1992.

A CONSERVADORA DESTACADA,
a) *Maria do Céu Neiva Portela*

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

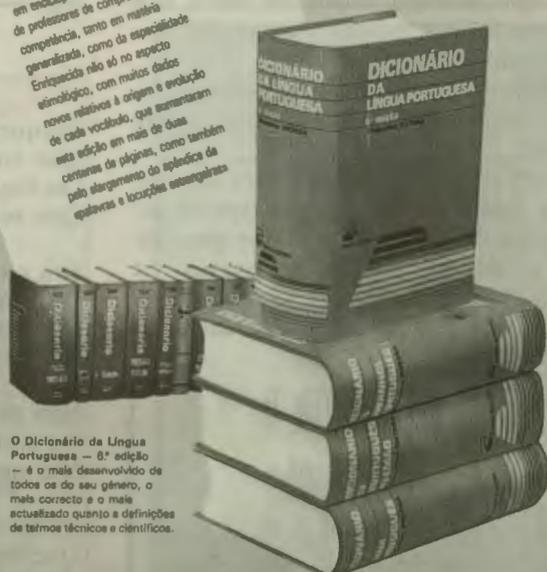
Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra inovadora para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, como da especialidade generalizada não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da aplicação de gírias e locuções estrangeiras.



O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua de Restauração, 365/4099 PORTO CODEX
LIVRARIA ARNADQ, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX
EMP. L. RUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

DE APÚLIA

FALECIMENTOS — António de Sá Lopes Fernandes — No passado dia 11 de Novembro, faleceu na sua casa do Lugar da Igreja, o nosso conterrâneo, António de Sá Lopes Fernandes.

Com a morte deste apuliense, desaparece uma figura que fez história em Apúlia, nas décadas de 1950/1970, no desempenho de cargos de confiança política, que facilitaram o progresso e o respeito desta terra, às vezes, tantas vezes, esquecida.



Presidente da Junta de Freguesia, numa época em que era fácil o exercício desse cargo (ninguém contestava ninguém), que se resumia a pouco mais do que passar atestados, ele quis (e conseguiu-o) ser protagonista em todas as obras que beneficiaram Apúlia no seu tempo de Autarca. Nas obras e em tudo o resto, que o cargo simultâneo de Presidente da Assembleia Geral da Casa do Povo, lhe possibilitava. Com o Regedor da Freguesia da sua inteira confiança e dependência em termos políticos, com a Casa do Povo e a Junta de Freguesia na «mão», pode dizer-se, foi senhor quase absoluto dos destinos duma terra durante duas décadas. Em suma, era ele que «mandava» a chuva e o bom tempo. E muitas vezes bem.

Solteirão, homem elegante, razoavelmente culto, e senhor de grande fortuna pessoal, facilmente o seu nome ultrapassou as fronteiras de Apúlia, para se projectar como personalidade conhecida e respeitada em todo o Concelho.

A senilidade física e mental, gradual e demorada, tornou-o num homem triste, isolado e até envergonhado. Orgulhoso, não aceitava que o seu nome e a sua vida, mesmo na fase terminal, se tivessem transformado naquele «farrapo» humano que, diz o poeta, chega a todos, quando chega o fim.

Paz á sua alma.

Alexandrina Dias Hipólito — Também esta nossa conterrânea, a Senhora Alexandrina da Loja, comerciante conceituada e duma seriedade irrepreensível, faleceu no dia 20 do passado mês de Novembro. A saudosa extinta, viúva de Emílio Dias Hipólito, nasceu em 20 de Fevereiro de 1913, e era filha de Manuel Fernandes do Monte e de Clementina Dias Lopes.

Ainda no mês de Novembro, no dia 15, faleceu o nosso conterrâneo José da Silva Vendeiro (Zequinha da Fonte), vítima da famigerada «doença dos pésinhos», mal que o apouquentava há muitos anos. Deixa viúva a Senhora D.ª Alzira dos Santos Costa Regado. Nasceu em Apúlia em 8 de Abril de 1948, fi-

lho de José Fernandes Vendeiro e de Ana Euzébio da Silva.

A todos os familiares destes apulienses aqui deixamos os nossos pêsames.

DOENTES — No Hospital de Fão, encontrase internado há cerca de dois meses, o Senhor Emílio Fernandes Filipe, um apuliense que por várias vezes serviu a sua terra em cargos da Junta de freguesia, da Casa do Povo, e do Grupo de Sargaceiros desportivo. Um homem a quem Apúlia deve alguma coisa, e de quem Apúlia pode esperar ainda bons serviços.

Também doente, esteve internado uns dias no Hospital de Barcelos, o nosso conterrâneo, José Fernandes de Azevedo, proprietário do Lugar da Igreja.

Para ambos os nossos desejos de rápidas melhoras.

Novo Comandante da Estação Rádio-Naval de Apúlia — Em substituição do Capitão de Fragata, Pinto Bastos, vai assumir o cargo de Director da Estação Rádio-Naval de Apúlia (Estação Almirante Ramos Pereira), o Senhor Capitão-Tenente José Alberto Alves dos Santos.

A posse, que ocorrerá no dia 10 de Dezembro, será presidida pelo Vice-Chefe do estado Maior da Armada.

Todo o Homem é Meu Irmão??? — Quem passa na Estrada Nacional, em Paredes, lugar desta freguesia, depara-se-lhe, a cada passo, um «quadro» triste e doloroso, a que a maioria das pessoas, já habituadas, não dão a importância que um ser humano merece. Um homem, de andar miudinho e trôpego, curvado ao peso dos anos (e quem sabe, também ao peso das desilusões da vida, das injustiças, ou da falta de carinho dos seus), por ali deambula diariamente; barba crescida, roupa coçada e suja, num vai e vem sem esperança e sem sentido.

Sem casa que o agasalhe, faz do abrigo para peões, na paragem de auto-carros, em plena Estrada Internacional, a sua cama, onde há mais de um mês dorme, vestido, sempre a «fungar» e a tossir, pulmões encharcados de fumo, de frio e de humidade. O abrigo para peões, em cimento e apenas coberto por cima, serve-lhe de habitação, de quarto de dormir, de arrecadação de roupas velhas e molhadas e de garrafas vazias, e de... casa de banho... A promiscuidade e a miséria mais chocante, ali, ao vivo, em plena via Internacional de trânsito!...

De onde será, quem será, e porque estará ali? Não terá família, ou tendo-a, foi por esta abandonado ou escorraçado? Terá filhos? Terá esposa? Terá ainda pais? O mais certo é não ter mesmo pais. Já não é novo, e os pais não desprezam nem abandonam assim os filhos.

Quantas histórias, quantas alegrias e tristezas, quantas desditas e emoções, quantas aventuras, esconde aquele corpo trémulo, assustado e envelhecido, metido num sobretudo velho e sujo, que veste 24 horas em cada dia e que lhe serve de agasalho e de cama!!!

Aquele corpo franzino, vergado como um penitente, será deste mundo? E seremos nós deste mesmo mundo? Que passamos e o vemos sem o ver, indiferentes, agasalhados, abrigados, estômago quente... como se nada tivéssemos a ver com aquilo.

Evidentemente, todos temos outras preocupações...

GENERAL ANTÓNIO AREIAS

Este nosso ilustre esposendense e nosso prezado amigo foi nomeado Governador Militar de Lisboa.

Sinceros parabéns.

O Cortejo de Oferendas realizado a favor do Hospital e Asilo de S. João de Deus em 22 de Novembro de 1947

Concentrado no Largo do Bom Jesus, eram 15 horas quando começou o desfile.

No ar, reinava uma sensação de grande alegria e um grandioso exemplo de solidariedade social.

Nas janelas da maior parte das casas do percurso, as colchas de seda, marcavam o ar festivo que dominava esta linda vila.

À frente, dois cavaleiros abriam o caminho por entre a multidão que assistia à passagem do cortejo. O pronto socorro dos Bombeiros Voluntários vinha a seguir, transportando os primeiros 16 contos em dinheiro — 11 da Vila de Fão e 5 da Sociedade de Ofir.

E surge a primeira representação: a freguesia de Rio Tinto com 22 carros cheios dos produtos da terra.

Eram sacos e sacos de batatas, lenha caruma e até colmo para renovar os colchões do Hospital. Um enorme grupo de raparigas com cestos repletos de oferendas, trajas simples mas garridos, canta toadas regionais, acompanhado por uma «tocata» bem afinada.

Perante grande número de individualidades das mais categorizadas, entre as quais se encontrava o presidente da Câmara Municipal, seguia a representação de Fonte Boa, com 34 carros, também repletos de preciosas dádivas. As moças da eira, também carregadas, faziam o côro para «responder» à rapariga que deitava a cantiga — uma corada cantadeira, alegre e desenxovalhada. E mais carros com feijão milho e a famosa batata de Nabais, «que não a há melhor em todo o Portugal».

Lista das pessoas que ofereceram as cortinas para o Hospital, no cortejo: Maria Azevedo, Alice Assunção Costa, Maria Amélia Borda, Rosália Faria Borda, Palmira Faria Borda, Maria de Lourdes Pereira, Belmira Martins Dias, Rosalina Martins Dias, Elena Leal, Idalina Cardoso Torres, Rosália Cardoso Torres, Maria Pereira da Silva, Carolina Vila-Chã, Maria de Lourdes Sá Pereira, Gracinda Morais, Berta Monteirol, Maria de Lourdes Ferreira, Rosália Pinheiro Borda, Edite Fernandes, Alice Fernandes Costa, Maria José Telxeira, Maria América Pereira e Lourdes da Conceição Soares.

Os sinos da Igreja replicavam alegremente saudando os camponeses do Cortejo e das janelas eram atradas pétalas de flores.

Os artistas Vasco Santana e Irene Velez — os populares «Zéquinha e Lélé», hóspedes do Ofir — assistiam com curiosidade nos carros, saudados com entusiasmo pela multidão.

Apúlia, dos mais característicos lugares de toda a costa portuguesa, no extremo do concelho, mandou um camião carregado com mais de cem raparigas com dádivas.

O espectáculo durou longos minutos. O desfile foi lento para que todos pudessem apreciar a sua grandeza e valor.

Para o Hospital de Esposende, as restantes onze freguesias, deram, há tempos, o seu contributo.

2 — (Interp.)

«A Administração do Hospital inaugurará brevemente uma óptima sala para ope-

(Continua na pág. 10)

REPORTAGEM DA CONSOADA NA CASA DO MINHO



O Miquelino a pensar na desgarrada



O Eng. José Areias com cara de Director Geral



Fão representado Sá Pereira e o mano Matias



Uma presidência de respeito: Alberto Figueiredo, dr. Orlando Capitão e Eng. Oliveira Mertins



A Nela Mendanha e graciosa cpmpanheira



Zélia Agonia e sobrinha

MIQUINHAS TURRA: 100 ANOS

Foi com um véu de carinho que o povo de Fão envolveu os 100 anos desta simpática anciã, feitos no dia 8 de Dezembro. Dia de festa para a longeva Micas, para a família e, afinal, para todos os fangueiros. Sim, que a partir de agora, a Miquinhas não é só dos seus. É também da freguesia. É nossa.

A festa começou com a missa, realizada na igreja matriz pelo sr. arcepreste. A Micas Turra para lá se dirigiu pelo seu pé. Muitos abraços e beijos no caminho. Sempre sorridente. Sempre alegre e bem disposta. Ela recusa-se a envelhecer. Ainda faz camisola, ainda arranja camisas, ainda pesponta meias, ainda limpa o fogão, os tachos, os pratos, ainda atende o telefone, ainda é feliz. Depois é uma memória de Fão. Lembra-se de muita coisa antiga e disso faz relatos completos.

O filho Umberto, aos brindes já avisou: «Para o ano e para os outros anos haverá mais festas, mais almoços comemorativos, mas «cada um paga o seu». Estamos, pois, convidados e avisados. No almoço houve outro brinde: por delegação, o António Torres, de França, enviou um abraço mas fez questão de frizar que nesse amplexo estavam envolvidos todos os fangueiros ausentes no estrangeiro. O almoço avançou pela tarde dentro.

Depois, pelas 22 horas veio a surpresa: uma serenata! Como nos tempos idos!... A Micas chorou. Não por ser tão idosa, não por fazer 100 anos. Chorou, sim, por ver tanta gratidão, tanta amizade, tanto amor da gente fangueira. Adorável povo! Adorável Micas! Um beijo do

Nando



A caminho da igreja pelo seu pé

NATAL À MODA DE ESPOSENDE COMO EM 1900

*«Toma, toma laranjinha
Toma, toma laranjão
Toma, toma laranjinha
Do meu coração».*

Foi com estas e outras canções que o Grupo Cantar das Janeiras, da Ronda de Vilachã, se exibiu no salão nobre da Casa do Minho, na noite de 12 de Dezembro, perante 90 pessoas, na sua totalidade minhotas, e na sua maioria esposendenses.

A ideia partiu do dr. Orlando Capitão, Presidente da Assembleia Geral da Casa do Minho.

Foi ele que propôs ao Núcleo Esposendense daquela instituição que se realizasse uma Consoada de Natal à moda de Esposende, como era em 1900. Aceite a proposta, quer pelos esposendenses sediados em Lisboa, quer pela Direcção da Casa do Minho, a ideia do dr. Orlando concretizou-se no último fim de semana.



Gente ligada a Fão: o marido de Nela Mendanha e seu cunhado

No salão nobre não cabia mais gente. O repasto, confeccionado e servido pelo restaurante «A Reguenga», do lugar da Estrada-Antas, meteu bacalhau cozido acompanhado com batatas farelentas, tronchos de hortaliça e arroz de polvo, cheiroso e purpureado. O *acompanhamento* constava de bolinhos doces, mexidos perfumados a canela, vinho quente com mel, nozes, figos e castanhas.

Foi de truz e de truz era a bebida: um vinho tinto de se tirar o chapéu, servido em malguinhas, e vinho S. Cláudio que dispensa qualquer apresentação. *Tudo à maneira.*

Quase no fim, quer dizer, entre o bacalhau e o arroz de polvo, surgiu o grupo de Vilachã que entoou várias canções do seu repertório. Esteve magnífico, com muita força, entusiasmo e alegria contagiante. Não houve danças porque o espaço não comportava a geometria do bailado. Ainda assim, alguns entusiastas meneavam a cabeça ao ritmo da música. Aqueles cantares mexiam com a gente. Aqueles cantares mexiam com a gente.

Finda a primeira parte, seguiram-se três intervenções ou três discursos que a praxe recomendava. O Presidente da Casa do Minho congratulou-se com a ceia que estava a decorrer. Nesse sentido, agradeceu à Câmara de Esposende todo o apoio recebido. Também alargou o seu agradecimento à Ronda de Vilachã que

mais uma vez se deslocou àquela casa a título gracioso. Dirigiu ainda palavras de louvor aos órgãos de informação ali presentes, fazendo um destaque especial à Rádio de Esposende e a «O Novo Fanguero». Referiu-se ao grande sonho que a actual Direcção acalenta que é construir uma nova sede, construção essa que tem de passar inquestionavelmente pela boa vontade das autarquias minhotas. O recado ficou dado directamente ao Presidente da Câmara de Esposende, que na sala se encontrava presente na companhia de sua esposa. Alberto Figueiredo respondeu-lhe de imediato, mostrando-se disposto a colaborar, «pois a actual sede não tem condições. Posso dizer-vos que quando entrei nesta casa interroguei-me se aquilo era a Casa do Minho. Se viesse noutro dia, teria dúvidas em subir. Acho que o Minho não merece uma casa destas. (Palmas). Darei todo o apoio para que a nova sede seja uma realidade».

Finalizou a série de discursos o Presidente da Assembleia Geral que explicou como nasceu a ideia (de que ele foi o pai) daquela consoada. «Em vez de um almoço, optamos por um jantar. Em vez de uma refeição habitual, em restaurantes minhotos, escolhemos uma ceia de família e fomos pela ceia mais tradicional no Minho: A Ceia de Natal». E mais adiante; Foi necessário encontrar um restaurante que tivesse capacidade de confeccionar uma refeição deste tipo e que estivesse disposto a isso. Convidamos então o senhor Manuel de Almeida e Cruz, do restaurante Reguenga, que logo se mostrou disponível». Terminou agradecendo a todos quantos possibilitaram aquele encontro.

Acabada a série de intervenções, exibiu-se de novo a Ronda que terminou com uma desgarrada. Foi aqui que surgiu um espontâneo, António Miquelino, que deu o gosto ao dedo, queremos dizer, à garganta. E que desafiou, vejam lá, a gente de Fão para um dueto. Aqui, os de Fão, moita carrasco.

Ó Miquelino, nós estivemos para responder. Acanhámo-nos. De qualquer modo ainda engatilhámos uma quadra que vamos reproduzir aqui, agora que temos as costas forradas:

Eu teria muito gosto
Em começar a responder
Simplesmente não dou troco
A um Miquelino qualquer.

Toma, Miquelino, é para outra vez seres mais comedido nos desafios.

NOTAS VÁRIAS

Uma comissão constituída por António de Almeida Miquelino, Manuel Alves Vera Cruz e José Maria Fernandes Matias, vai propor, muito em breve, uma assem-

bleia de todos os sócios da Casa do Minho, com o fim de se organizar um núcleo de Esposende da Casa do Minho.

★

Os irmãos Matias, já são bem conhecidos em Lisboa. No fim da Ceia, um grupo de esposendenses dirigiu-se à Igreja do Sacramento para admirar o monumento ao presépio, que vai ser montado naquele templo e que já o ano passado foi visitado por 50.000 pessoas. Nesse presépio, os autores, os manos, procuraram reproduzir a cidade de Jerusalém, no tempo em que Jesus andou por ali.

O Presidente Alberto Figueiredo ficou sensibilizado para a montagem daquele conjunto.

★

Lembra-nos de ter visto na Ceia, além do Presidente da Câmara de Esposende e esposa, o Engenheiro Oliveira Martins e esposa, o Dr. Orlando Capitão e família, o Dr. Brás Marques e esposa, Zélia Agonia e marido, Engenheiro José Areia e esposa, Manuela Mendanha e marido, António Miquelino e família, o Engenheiro Paulo Cunha, Joaquim Vassalo, o Capitão Goulart Barbosa e esposa, os irmãos Matias, o Engenheiro Rúben Agonia Pereira e família, António de Sá Pereira, Dr. Rui Agonia e família, Arquitecto Fernandes Lima, Dr. Pentedo Neiva, o Boaventura, a cantora Maria da Graça e outras pessoas que temos pena de não recordar agora.

REVIVER O 1.º DE DEZEMBRO

A ideia do Armando Torres em reviver a antiga festa escolar que se realizava nas escolas Amorim Campos parece que começa a ter pés para andar. Um grupo de fangueros vai reunir-se no próximo dia 9 de Janeiro para efectuar um ensaio com as canções que se faziam naquela época. Convidam-se, pois, todos os antigos alunos daquelas escolas a comparecer nesse dia, pelas 21 horas, no Centro Cultural de Fão. Qualquer informação, pode ser dada pela professora D. Maria José Borda Rodrigues, que se mostra muito entusiasta com a ideia. Vai ser giro. Vamos todos reviver aqueles tempos, e vamos entoar de novo aqueles cantares que naquele tempo nos enchiam de entusiasmo:

Canta a calhandra na serra,
Ó mocidade florida, lá vamos,
Portugueses é chegado, somos pequenos
Lusitos, etc., etc., etc.

Pensa-se que este «número» pode integrar o programa das Festas do Senhor de Fão.

QUE FUTURO PARA O TURISMO?

(Continuado da pág. 1)

naram uma época abaixo das expectativas. Não foi tão grande e lastimosa como se esperava inicialmente, mas aconteceu de facto uma quebra.

Nós tivemos mesmo assim uma ocupação razoável. O mês de Agosto foi muito bom. Creio que em termos do norte e mesmo em termos nacionais tivemos a mais elevada taxa de ocupação. Em termos de verão acompanhamos a taxa média nacional. O mês negro de hoptelaria deste ano foi o mês de Julho. Até se conta já como anedota nos meios turísticos que os meses de férias este ano foram Junho, Agosto, Setembro e Outubro. O mês de Julho é, portanto, para esquecer.

N.F. — *Tem explicação?*

M.M. — Isto tem a ver com os próprios preços. Os exames também se arrastam até Julho, e consequentemente os estudantes vão mais tarde para férias. No que diz respeito a preços, dá-se a passagem da época média para a época alta e assim o mês de Julho, mês de transição, é muito mais penalizado.

FALTA DE CONSERTAÇÃO

N.F. — *Vocês aqui em Esposende agem como um todo, isto é, os hoteleiros apresentam-se unidos?*

M.M. — Não. Eu creio que aqui, na zona de espesende falta a consertação que deveria existir entre todos os hoteleiros. Trata-se de uma lacuna; portanto, é uma dificuldade a ter em conta. Existe falta de consertação quer ao nível das unidades hoteleiras, quer ao nível das várias estruturas de turismo. É o nosso ponto fraco! Essa falta de coordenação existe por parte da Câmara no que concerne à animação. Falta uma animação estudada e cuidada a pensar, não só no complemento da estadia dos hóspedes, como na atracção dos mesmos e na sua fixação. Hoje animação não é pôr o rancho folclórico a dançar no adro da igreja. Vemos a caso do Torneio de Over-Craft, realizado há pouco, cuja iniciativa partiu de nós. A prova esteve agendada inicialmente para a Figueira da Foz. Nós conseguimos trazê-la para cá. Eles, os responsáveis, primeiro, fizeram um teste inicial em Maio. Gostaram muito. Gostaram do apoio que lhes foi dado e gostaram principalmente do rio Cávado, das suas condições naturais. Isso é uma vantagem que temos que explorar. A animação no rio é muito importante. Com o apoio do Clube Náutico creio que poder-se-á dar um salto muito grande.

É importante que as pessoas estejam dispostas a conjugar esforços, a trabalhar em conjunto. Nós somos numa zona que tem muitas capacidades, que pode ter um turismo de qualidade. Eu não quero aqui bater na tecla da qualidade, porque isso é muito complexo.

QUE QUALIDADE?

A qualidade não se define só pelos bons serviços e condições intrínsecas dos hotéis. O turismo não se faz só dentro dos hotéis, faz-se de fora para dentro o que postula uma qualidade global que nós ainda não temos neste momento. A nossa qualidade será sempre relativa principalmente quando verificamos que o nosso cliente reage perante um determinado argumento que é o preço.

Voltando ao tema da consertação a prova do Over-Craft foi o exemplo de como, numa semana, na época baixa, em Outubro, em

que os hotéis estavam com uma taxa de ocupação de 10% a 20%, se tornou possível concentrar aqui um grupo de 200 pessoas que durante a semana fizeram de tudo um pouco: subiram e desceram o rio, conheceram a região, encheram os restaurantes da vila, passearam-se por Esposende e hospedaram-se em hotéis, principalmente no Hotel Ofir. Estavam aqui pessoas de toda a Europa, inclusive convidados especiais americanos que saíram de cá, conforme pude observar, encantados com a região, com o acolhimento que lhes foi feito. Adoraram o rio. A prova teve uma cobertura televisiva muito boa, quer da TV2, quer da SIC. Isto demonstra o tipo de animação que é necessário e urgente promover na época baixa, ampliando assim o movimento turístico no concelho. Mas isto é possível, repetimos, concentrando os esforços de todas as entidades interessadas. Estes acontecimentos serão mais fáceis de realizar se agirmos em grupo ou então é necessário que exista uma entidade aglutinadora que motive os hoteleiros. As unidades hoteleiras do concelho são pequenas e não têm estrutura suficiente para desencadear acções deste tipo. É preciso que trabalhem em conjunto para conhecer e darem a conhecer a região. Mais do que promover um hotel individualmente, interesse dar a conhecer a região na sua globalidade. Antes de se vender um hotel tem que se vender a região onde se está inserido. Os hotéis têm um papel mais à frente que é promover o seu produto mas integrado na sua região. É por isso importante que se inventariem as potencialidades da zona.

A minha experiência pessoal diz-me isso. Quando vamos a um congresso, mesmo a nível nacional, temos sempre necessidade de promover um restaurante típico, uma casa de fados, sítios que as pessoas visitam nos tempos livres. Os hoteleiros têm de saber tudo o que existe numa região que possa interessar ao turista. Têm que possuir informações globais e atempadas. Para isso torna-se necessário um diálogo aberto entre os clientes ligados ao turismo, tem que haver, em suma, consertação.

REGIÕES DE TURISMO: QUANTAS?

N.F. — *A quem incumbe vender a região: é às autoridades, serão os particulares ou deve ser uma tarefa conjunta?*

M.M. — Há uma região de turismo na qual estamos filiados e é a ela que compete promover a região. Os hoteleiros não se podem abster de o fazer também, sob o risco de incorrerem em prejuízo grave, quer para a região quer para as próprias unidades hoteleiras.

N.F. — *Têm-no feito?*

M.M. — Temo-lo feito sempre e com uma atenção especial. Como já o dei a entender, nós não concebemos que se promova o Hotel Ofir sem promover toda a zona de Esposende e depois toda a região norte. Dizemos todo o norte pois esta divisão em regiões de turismo não se tem revelado eficaz. Nós somos um país tão pequenino que estar a dividi-lo em mais regiões, em tantas quantas as que existem, me parece contra produtor. O norte só terá a ganhar se se promover como região única.

N.F. — *Desde a raia à Costa Verde?*

M.M. — Exactamente. Veja o que representa em termos de dispêndio em pessoas e em dinheiro, a dispersão que isso provoca e até confusão, perante um potencial consumidor, falar do Alto-Minho, Marão, Trás-os-

-Montes, Guimarães, etc. Ele não percebe isto. Que importância tem a promoção de uma coisa tão pequena? Não tem nenhuma.

N.F. — *Em quantas regiões se deveria dividir o país?*

M.M. — Eu entendo que o Porto, Costa Verde e toda a zona norte deviam integrar uma única. O resto é com os outros.

N.F. — *Portanto, o norte como um todo?*

M.M. — Sim, e todos teríamos a ganhar.

N.F. — *É sabido que a Costa Verde, Ofir incluído, se têm aguentado turisticamente no verão. E no inverno o que é que se deveria fazer para aumentar a rentabilidade?*

M.M. — É sabido que não há receitas mágicas, mas há objectivos que nos propomos atingir e que nos parecem correctos. Um deles é tornar o produto apetecível todo o ano. Sabemos que o principal mercado gerador de clientes é o verão, o mercado de férias de que já falamos. Por outro lado, nas épocas baixas, há um movimento natural que não é rentável. Mas há outro grande mercado e é esse que devemos atacar de frente. Refiro-me a reuniões, seminários, conferências. Constituem o 2.º maior mercado de clientes em todo o mundo. E é para aí que estamos virados aqui em Ofir, de tal modo, que ao fazermos a renovação do hotel, pensamos nessa parte do mercado. Para o verão ele é bom, pode dizer-se que é muito bom, mas no inverno tem que ser suficientemente confortável para recebermos essas pessoas, esses congressistas. As salas de congressos, o apoio dos serviços que lhes é dado são importantes, e aí vamos tocar num ponto primordial: o complemento de informação e de animação. Portanto aqui funciona a animação complementar, criando alternativas para o programa de congresso. Este não é só um movimento de negócios, nem é fechar as pessoas numa sala e durante dois ou três dias debitar-lhes uma série de informações. É também um movimento de cultura como todo o turismo é, e por isso é importante que as pessoas fiquem a conhecer a região e tudo o que ela tem para dar. Outro grande movimento é o da animação e nessa animação vamos incluir golf, desportos náuticos, os encontros internacionais, as grandes festas. Veja-se, por exemplo o caso do Carnaval em Ofir.

O CARNAVAL

O Carnaval em Ofir morreu e isso aconteceu noutros hotéis. O Hotel Ofir vai este ano avançar com o Carnaval e já não o fez o ano passado porque estava em obras. O Carnaval da zona de Ofir era um Carnaval que tinha muita tradição, tinha muita força. Este tipo de movimentação não pode ser feita apenas com o esforço de uma unidade. É preciso um esforço colectivo para transformar aquele período de Carnaval numa zona de festa para atrair grandes movimentos de pessoas como é, por exemplo o fim do ano.

UM OÁSIS DE PAZ

São iniciativas semelhantes, são estas situações pontuais que podem ser multiplicadas, como a semana de Over-craft, os torneios internacionais de Golf, os jaks skis, as provas de surf, as noites dançantes do fim do ano, enfim um leque de questões que têm de ser trabalhado no sentido de dar dinamismo ao Ofir e ao concelho turístico, para os transformar em zonas vivas. As pessoas que

(Continua na pág. 2)

HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA
DE CALIBRADOR
POR PÊSO



DESCARREGADOR
E ELEVADOR



CALIBRADOR
POR PÊSO
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

SONDECA

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

O Cortejo de Oferendas em 22 de Novembro 1947

(Continuado da pág. 7)

rações cujo projecto, no valor de quatro mil es-
cudos, foi graciosamente oferecido pelos Engenhei-
ros Reunidos, do Porto».

Quase toda a aparelhagem necessária — ra-
diotermia, raios ultra-violetas, raios ultra-
-vermelhos e a maior parte do material cirúrgico
— já tinha sido comprado e pago. O legado da
benemérita sr.ª D. Belmira Augusta Vila-Chã Soa-
res, no valor de 420 contos os do sr. Francisco de
Campos Morais, no valor de 102 contos e da sr.ª
D. Amélia Santos Abreu, no valor de 5 contos, vie-
ram ajudar e muito à realização dos melhora-
mentos que o Asilo e o Hospital careciam
instantaneamente.

Este Hospital, mercê dos esforços da Mesa Ad-
ministrativa, composta pelos srs. Padre António
Alves Nogueira, Provedor há mais de 14 anos e
pároco da freguesia; Carlos Barra Campos Reis,
secretário; Albino Cardoso Torres, o Tesoureiro;
Amândio Alves Gafém, Gaspar Félix, João de Je-
sus Ferreira, Joaquim Gomes Soares, José Domín-
gos da Venda e Manuel Pires do Monte, vogais,
conseguiu cumprir os piedosos fins para que foi
criado, e com a ajuda de todos, pobres e ricos,
manteve e ampliou, felizmente, os seus preciosos
serviços.

O Cortejo constituiu expressivamente a de-
monstração da generosidade do povo de quatro
freguesias, tendo rendido, aproximadamente 100
contos e piedosamente se incorporaram na bene-
mérita cruzada, que alegremente reuniu cerca de
83 carros e centenas de açafates com ofertas.

Se todos os concelhos possuíssem um hospital
e um asilo como o de Fão — que estende o seu
manto caridoso às gentes das terras que fazem
parte dos aglomerados rurais das freguesias que
ficam situadas ao sul do rio Cávado — por certo
que se poderia considerar, em grande parte, re-
solvido o problema de assistência social no nos-
so país.

★

Esta matéria foi originalmente escrita e ba-
seada em documentação: correspondência; listas
de pessoas beneméritas; jornais: «O Primeiro de
Janeiro», dia 23/11/1947 e 20/11/1947, director,
M. Pinto de Azevedo Júnior; «O Comércio do Por-
to», 20/11/1947, director, F. Seara Cardoso; «Cor-
reio do Minho», 20/11/1947 e 21/10/1947, director
Miranda de Andrade; «O Cávado», 30/11/1947, di-
rector, João Amândio; «Diário da Manhã»,
24/11/1947; «Jornal de Notícias», 23/11/1947, di-
rector, M. Pacheco Miranda; «O Comércio do Por-
to», 23/11/1947, director, F. Seara Cardoso.
Interpretado por José Maria Machado do Vale.

QUE FUTURO PARA O TURISMO CONCELHIO?

(Continuado da pág. 2)

Em complemento damos uma lista dos hotéis
do norte e a percentagem de ocupação no mês de
Agosto:

Hotel D. Henrique, 40.52; Hotel Meridien,
30.48; Hotel Sheraton, 36.20; Hotel Porto Atlânti-
co, 18.80; Hotel Infante Sagres, 23.57; Hotel Ipa-
nema Park, 40.90; Hotel Solverde, 65.00; Hotel
Ipanema Porto, 29.00; Hotel Boega, 30.00; Gaia-
hotel, 31.30; Novohotel, 61.00; Grande Hotel do
Porto, 66.90; Praia Golf, 75.00; Sopete Vermar,
61.69; Sopete Ofir, 93.23; Sopete Santo André,
81.00; Sopete Grande Hotel, 81.00; Sopete Santa-
na, 89.00; Sopete Parque, 61.; Sopete Elevador, 85.



MENSAGENS PARA TODOS

Se alguém te disser: Não consegues, desiste! — Não acredites; pois basta acreditares em ti próprio e o teu objectivo será alcançado.

Não te preocupes por seres mal compreendido, preocupa-te antes por não seres mais compreensivo.

Não te preocupes: tem mais quem precisa de menos. — Não cries necessidades.

Se sofres, não te envergonhes de chorar a tua desdita; A terra, sempre que chove fica mais bonita.

Lembra-te; que quando apontares um dedo a alguém, tens sempre 3 contra ti.

É cego o olho que vê em toda a parte erros e pecados; O sol nunca vê a noite.

Não há nada mais fácil que censurar. Não é preciso talento, abnegação, carácter, para nos tornarmos críticos.

Aos invejosos doi-lhes mais os bens alheios que os males próprios.

As pessoas com mais mérito, são as mais discutidas.

ZAI

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras
José Maria Machado do Vale

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 98 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Châne des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

UM EPISÓDIO RELACIONADO COM A GUERRA CIVIL DE ESPANHA

Em 1936 trabalhavam em Espanha milhares de portugueses. Ora foi nesta altura que rebentou lá a Guerra Civil e então o Governo de Salazar mandou a Espanha, pelo mar, claro, alguns navios para recolher e trazer de volta os portugueses que lá estavam. Alguns patrícios não se fizeram rogados e aproveitaram a boleia que os levaria a casa, sãos e salvos; porém, outros minimizaram os efeitos e a extensão da guerra, e deixaram-se ficar. Entre estes contavam-se os nossos conterrâneos António Ramos de Oliveira, o homem de Adelina Tuta, e que era filho do tio Pregueiro; seu irmão José, pai da Zaira, do Manuel e do Zé da Arminda e Casanova, pai do Candinho; e ainda o Eduardo (dos da Inácia), que estava casado nas Pedreiras, e o António Barbosa (Ventosa). Lá ficaram e continuaram a trabalhar. A revolução adquiriu entretanto contornos graves. Apesar de ser uma guerra fratricida, foi particularmente sanguinolenta. Os espanhóis matavam-se uns aos outros sem piedade nenhuma.

Bem, os estrangeiros que lá ficaram, começaram a verificar que o caso se tornava difícil e que as suas vidas corriam sério perigo. Resolveram então regressar aos pátrios lares. Assim fizeram os nossos conterrâneos António Oliveira, o seu irmão José e o Casanova. Só que chegaram à fronteira e foram logo presos, sob suspeita de terem combatido ao lado dos republicanos que eram comunistas e daí presumir-se que eles seriam também. Se eram suspeitos tinham que desfazer a suspeição e por isso foram metidos no Aljube que ficava na cidade do Porto. O P.e Sá Pereira era então Presidente da Câmara e foi notificado do que estava a acontecer. Mandou chamar a Adelina Tuta e informou-a que o marido mais outros colegas estavam presos com o «labeu» de terem combatido ao lado dos «vermelhos».

Começaram assim as romarias de Adelina e de suas companheiras da desgraça para a cidade do Porto. O pior é que os presos estavam incomunicáveis e só podiam ser vistos, quando podiam, cá de fora, se assumissem às janelas que estavam protegidos por grades. A Adelina era uma mulher desembaraçada e com esse desembaraço, embrulhado numa nota de vinte, para comprar os guardas, conseguia mandar roupas e comida ao seu «home» e demais conterrâneos.

Ela sabia que o marido não era político e danava-se toda porque estavam a prender um inocente. No punho das camisas que conseguia meter lá dentro, escondia papeis que eram autênticos cartas de amor e desespero. E depois, na rua, sabendo que o marido estaria à escuta, simulava uma conversa com os familiares de outros presos e ia dizendo em voz alta: Sabes, está no punho da camisa. Sim, sim, está no punho da camisa» que era para o marido entender que havia qualquer coisa na roupa enviada». Uma finona!

O «Padre», por sua vez, fazia todos os esforços para convencer as autoridades de que os homens de Fão estavam inocentes. Que não eram políticos nem coisa que se parecesse. No entanto as coisas mostravam-se feias.

No cérebro da nossa conterrânea começou a germinar uma ideia. Tinha que falar com o chefe máximo daquela polícia. Mas como é que isso seria possível se, logo à porta, estava um guarda, de plantão, que não deixava passar ninguém, e depois, noutros postos e corredores, havia mais guardas numa séquen-

cia que não tinha fim? Mas um dia afoitoi-se. Chegou à primeira sentinela que já a conhecia e implorou-lhe que a deixasse entrar. O guarda apiedou-se e deixou-a avançar, mas foi avisando: «logo à frente dá com outro meu colega que a não deixa ir». Adelina não hesitou. Avançou e logo à frente esbarrou com o tal vigilante que lhe cortou o passo. Mas ela implorou, chorou, lastimou-se tanto e tanto que o guarda avisou: «Eu vou deixa-la ir, mas vai ver que o meu colega ali à frente a vai mandar para trás». Mas a Adelina, escorada na benevolência dos outros, rogou ao guarda que via pela primeira vez: «deixe-me ir falar com o seu chefe. O meu homem está inocente e vocês vão ver que ele o vai mandar embora». O guarda não se comoveu. Ela também não se resignou. Naquele dia tinha que falar com o «manda-chuva». Desse ele por onde desse. E então contou a sua história. Afirmou a inocência do marido e dos seus companheiros e tão veemente foi que o guarda, ao fim, disse-lhe: «Olhe, vê aquele meu colega ali? Aquela porta dá para o gabinete do chefe, mas ele não a vai deixar entrar». «Deixe o caso comigo». E assim chegou à última sentinela. Então repetiu-se a negativa imediata. Que não senhor. Mas a Adelina, que já tinha chegado ali, havia de vencer a dela. E contou mais uma vez a sua história. Com paixão, com verdade.

Que o seu homem estava inocente. Surpreendentemente a sentinela cedeu: «Eu vou contar ao Sr. Director a ver se a deixa falar com ele. Mas olhe que não vai adiantar nada». E de imediato desapareceu no gabinete. Passado certo tempo, assumiu à porta: «Está com sorte. Ele vai ouvi-la». E foi assim que a Adelina se encontrou com o chefe que estava sentado numa espécie de trono, rodeado de dois funcionários e que era nem mais nem menos que o director da Pide no Porto. Que se dignou a ouvi-la e a quem a intrépida fangueira, pela vigésima vez, narrou a sua tragédia que ao fim e ao cabo era a desventura do marido. E tão suplice e sincera se mostrou, tantas lágrimas verteu, tanto suplicou que o «Boss», acabou por dizer-lhe: «Eu vou ver o que se passa. Vá-se embora que eu mando chamar já (e estavam muitos à sua frente) os presos de Fão». A Adelina lavada em lágrimas, despediu-se, foi recuando, recuando sempre, com muitas vênias à mistura, como lhe tinha indicado o guarda. Vinha muito esperançada e transmitiu essa esperança as companheiras. Regressaram mais animados a casa.

Passados dias, altas horas da noite, bateram à porta. «Quem é?» — pergunta a Adelina de dentro. «Abre-me a porta, mulher. Sou o teu homem». Num ápice o fecho foi corrido e marido e mulher caíam nos braços um do outro. A cena repetiu-se em dois outros lares fangueiros. Acabara-se a via-sacra. O P.e Sá Pereira, quando mais tarde a encontrou, foi-lhe dizendo: «Raça de mulher. Conseguiste o que eu não consegui: ele nunca me recebeu!...»

DESPEDIDA AGRADECIMENTO

Despedida!... Sim, depois de 34 anos em que servi as gentes de Fão e não só, acompanhado daquela sacola grande que trazia as cartas do «paquete» vindas dos «Brasis», chegou o momento dela me despedir e, também, daquele povo com quem convivi a melhor parte da minha vida.

Despedir-me!... e ao pensar na despedida surge-me logo a saudade, essa mágica palavra que os poetas immortalizaram, que é nossa, que só o coração português sabe sentir como nenhum outro e nela ficarei mergulhado para sempre.



Neste momento tão difícil para mim, não quero deixar de vir publicamente agradecer, levar, tal como o fazia com as cartas, o meu grande sentimento de gratidão para todos aqueles que no exercício dos meus deveres profissionais sempre tão bem me receberam.

E, como digo neste momento tão difícil para mim, não posso esquecer e, dum modo especial, expressar a minha gratidão para com o meu primeiro chefe, Ex.mo senhor Artur Lopes da Costa, que tão bem guiou os meus primeiros passos, me tirou todas as dúvidas, me elucidou e me lançou para uma vida superior.

Para todos vai a minha eterna saudade e, também, o meu profundo reconhecimento.

ANTÓNIO GOMES VIANA

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO